

MEMÓRIA DAS ÁRVORES: UM ESTUDO ETNOARQUEOLÓGICO NA MUSSUCA (LARANJEIRAS/SE)

Fernando Goncalves Miranda ¹
Prof. Dra. Márcia Guimarães Barbosa ²

RESUMO

A comunidade quilombola Mussuca apresenta sua história a partir de narrativas que são transmitidas de geração em geração, marcando seu surgimento, enquanto quilombo, durante as fugas realizadas pelos negros no período de transição do Brasil Colônia para o Brasil Império. Desta forma, acreditamos ser necessário contextualizar a história de Sergipe, com foco no Vale do Cotinguiba e em Laranjeiras, município onde o povoado Mussuca está inserido, para demonstrar o processo de colonização, escravidão e resistência dos africanos e africanas, parte essencial do molde cultural brasileiro. Após essa breve contextualização, trataremos da Mussuca e “suas plantas”, assim como da estrutura física dos locais de cultivo, a fim de se observar as formas do cultivo e uso dessas plantas, que remetem ao conhecimento transmitido e acumulado por gerações, possibilitando a construção de uma paisagem da memória da população da Mussuca.

Palavras-chaves: Plantas – Etnoarqueologia – Mussuca – Etnobotânica – Paisagem da Memória

Abstract

The maroon community Mussuca presents its history from narratives that are transmitted from generation to generation, marking maroon emergence, during the escapes realized by the blacks in the period of transition from Brazil Colony to Brazil Empire. In this way, we believe it is necessary to contextualize the history of Sergipe, focusing on the Cotinguiba Valley and Laranjeiras, a city where the Mussuca maroon

¹ Graduando em Arqueologia-Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe. mirandaarqueologia@gmail.com

² Professora Adjunta do curso Arqueologia-Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe. marcia.segal63@gmail.com

located, to demonstrate the process of colonization, slavery and resistance of Africans and Africans, an essential part of the cultural mold Brazilian. After this brief contextualization, we will discuss Mussuca and "its plants", as well as the physical structure of the cultivation sites, in order to observe the forms of cultivation and use of these plants, which refer to the knowledge transmitted and accumulated for generations, enabling the construction of a landscape of the memory of the population of Mussuca.

Key words: Plants –Ethnoarchaeology – Mussuca – Ethnobotany – Memory Landscape

BREVE HISTÓRIA DE SERGIPE: FORMAÇÃO E DISPERSÃO DOS QUILOMBOS

Pode-se dizer que a história oficial de Sergipe se inicia em 1590, com Cristóvão de Barros, capitão-geral das entradas, que após expulsar invasores franceses, oficializa a conquista do atual território de Sergipe, dando início à distribuição das sesmarias. Nesse período, aliados de Cristóvão de Barros recebem pequenos lotes, posteriormente destinados à criação de gado e a culturas de subsistência (NUNES, 1996).

Freire (1977) relata que Diogo Qoadros, capitão-mor de Sergipe entre 1595 e 1600, conseguiu prosperar a colônia sergipana com trabalho agrícola e a criação ativa de gado. Durante esse processo, a mão-de-obra escravizada, indígena e africana, passa a ser empregada. Segundo Nunes (1989), os primeiros negros escravizados chegaram a Sergipe com os primeiros colonos e, posteriormente, a mão-de-obra escravizada passou a ser absolvida pelos engenhos, à medida que os canaviais ocupavam as várzeas dos rios Cotinguiba, Vasabarris e Piauí.

Em 1601, os franceses, que mantiveram as investidas no território sergipano durante o governo de Qoadros, sucumbem, e o movimento colonial se consolida.

Com a chegada da política protecionista norteadada por lideranças jesuítas, sacerdotes e agricultores assumem a direção da capitania expandido a colonização, chegando assim ao fertilíssimo Vale do Cotinguiba. Dois séculos depois o Vale do Cotinguiba torna-se a região mais próspera do estado, atingindo seu auge em meados do século XIX, quando concentrou, aproximadamente, 50% dos engenhos de Sergipe Del Rey (Oliveira, 2015).

Situada no Vale do Continguiba, às margens do rio Cotinguiba, a cidade de Laranjeiras insere-se no contexto supracitado, tendo o início de seu povoamento marcado pela vitória de Cristóvão de Barros:

Com a vitória de Cristóvão de Barros, no início do século XVI, na região do médio rio Cotinguiba, em território da antiga freguesia de Nossa Senhora do Socorro do Tomar do Cotinguiba, gerações mestiças fixaram residência à margem esquerda do rio (BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 1983, p.6).

A grande quantidade de laranjeiras à beira do rio Cotinguiba auxiliavam na localização de um pequeno porto, construído após a vitória de Barros. Logo a toponímia “Laranjeiras” torna-se referência para moradores e viajantes.

Nesse período, a movimentação pelo rio Cotinguiba era intensa. O comércio, principalmente de escravos, prosperava e as primeiras residências eram construídas (AMARAL, 2012).

Entre 1637 e 1645, os holandeses, buscando garantir recursos (alimentos e jazidas minerais) e impedir o avanço de portugueses e espanhóis que marchavam rumo a Pernambuco, invadem Sergipe Del Rey. O então pequeno povoado das Laranjeiras sofre com os ataques e posteriormente com o domínio holandês. Durante a invasão, muitas casas foram destruídas, mas o porto, um ponto estratégico, foi preservado.

Em 1645 os territórios invadidos são retomados pelos portugueses, que expulsam definitivamente os invasores holandeses de Sergipe Del Rey (FREIRE, 1977). Após a expulsão dos holandeses, o porto das Laranjeiras assume papel de destaque no desenvolvimento do povoado.

A primeira metade do século XVIII se destaca pelas construções jesuítas em Laranjeiras, com destaque para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Comandaroba, erguida em 1731 para se tornar a segunda residência desses religiosos na região (ORAZEM, 2008, p. 237). É também no século XVIII que a produção da cana-de-açúcar se firma definitivamente no território sergipano, chegando a vinte e cinco engenhos no ano de 1724 (MELO *et al*, 2009, p. 333).

O século XIX é marcado pela emigração europeia, principalmente portuguesa, que aumentou a elite social da colônia e, conseqüentemente da província de Sergipe Del Rey. Segundo Nunes, eram os portugueses:

[...] os representantes da Província no Parlamento do império, detinham os postos do comando da Guarda Nacional criada em 1832, manipulavam os órgãos judiciários segundo os seus interesses (NUNES, 2006:48)

Na segunda metade do século XIX, muitos estrangeiros são atraídos pela expansão do açúcar e do desenvolvimento do comércio. Entre eles, muitos interessaram-se por núcleos de povoamento que se destacaram no século XIX, como Estância, Laranjeiras e Maruim (NUNES, 2006:48-49). Havia a presença de negociantes estrangeiros em Maruim e Laranjeiras. Segundo o censo de 1872, haviam 79 portugueses, 17 italianos, 8 alemães, 2 ingleses e 3 paraguaios, além de casas comerciais de origem internacional, como as alemãs Schramm & Co, fundada por Ernest Schramm, com sede em Hamburgo, envolvida com os negócios de importação e exportação.

A produção de cana-de-açúcar em Sergipe teve início após a conquista de Cristóvão de Barros, concomitante a agricultura de subsistência e ao fumo. Nesse período a produção era insignificante, passando a ter relevância no século XVIII e atingindo seu auge no século XIX, principalmente na microrregião do Vale do Cotinguiba, onde ocorre um grande surto de produção.

Em 1835, com o desmembramento de Socorro, Laranjeiras foi reduzida à Freguesia do Sagrado Coração de Jesus das Laranjeiras. No entanto, esse retrocesso não impediu que o progresso avançasse e é justamente nesse momento que Laranjeiras começa a atingir seu mais alto grau de desenvolvimento. Em 6 de fevereiro daquele ano é transformado em Distrito de Paz, e em 11 de agosto de 1841 Laranjeiras passa a ser sede de comarca.

De acordo com Maria da Glória Almeida a fragmentação fundiária em Sergipe teve dois momentos. O primeiro, entre 1840 e 1860, foi marcado pela multiplicação dos engenhos, devido à subdivisão por herança e o aumento da produção. O segundo momento, a partir de 1860, denominado por Almeida como “desenvolvimento acelerado de fragmentação” dos engenhos, se dá devido à morte da primeira geração, alguns engenhos passam, a ser administrados por outras famílias.

Em relação a outras localidades os engenhos sergipanos eram pequenos e a aristocracia se apresentava bem modesta quando comparada a outros estados. Os engenhos apresentavam estruturas semelhantes, sendo formados basicamente por uma casa grande, a fábrica, a senzala e, ao redor, a plantação de cana-de-açúcar.

O progresso do açúcar levou a ascensão econômica e política de alguns núcleos de povoamento na região do Cotinguiba com destaque para a povoação de Laranjeiras que em 1824 torna-se povoação mais rica da província. Nesse período o comércio, tanto de gêneros de exportação, como de importação constituía-se como um dos mais próspero.

Na primeira metade do século XIX sua arquitetura se dinamizou, seguindo os padrões em moda na época.

Parte da aristocracia do açúcar morou ou tinha residência de apoio em Laranjeiras. Alguns sobrados foram erguidos perto de várias casas comerciais e não muito distantes dos trapiches. Estes últimos, caracterizados pela sólida construção de pedra e cal, apresentando coberturas de grandes vãos, apoiados por largas e grossas tesouras, formavam na praça da feira e adjacências um panorama arquitetônico de singular beleza.

Por trás da história próspera de Laranjeiras, motivo de orgulho para os ascendentes da elite e entusiastas dos belos monumentos edificadas, está a história dos africanos e negros escravizados.

Segundo o cônego de Laranjeiras, Philadelpho de Oliveira:

[...]aurora e o crepúsculo dos dias eram saudados com os azorragues que arrancando gritos doloridos produziam filetes de sangue, que levavam a terra pelos mesmos escravos cultivados” (OLIVEIRA,1981, p. 58).

Os escravos em Sergipe eram pouco espalhados, atuando no trabalho da criação do gado e da agricultura de subsistências no início da colonização, principalmente no século XVII. Mas, sua presença tornou-se marcante nos canaviais que começam a ocupar a região da Cotinguiba, do Vaza-Barris e do Piauí. A povoação de Estância tornou-se o mais importante centro receptor de escravos. Dessa região eles se

espalhavam pela capitania para o trabalho dos engenhos, principalmente na região do Cotinguiba, destacando os municípios de Capela, Rosário, Divina Pastora, Laranjeiras e Japarutuba.

Na Capitania de Sergipe, a resistência do negro à escravidão é registrada já no século XVII na formação de mocambos denunciada às autoridades da Bahia pelos proprietários rurais. Apesar da atuação repressiva das tropas enviadas, esses redutos de negros foragidos continuaram a existir até a primeira metade do século XIX.

Durante a primeira metade do século XIX, 17 ameaças de revoltas “por parte das gentes de cor”, se difundiram no estado. Entre essas, destacam-se as que ocorreram nos distritos de Rosário do Catete e Laranjeiras, no ano de 1824 (MOTT, 1987 apud Oliveira, 2005).

As lutas desenroladas após o ato de D. João VI, que tornou Sergipe Capitania independente da Capitania da Bahia, favoreceram as rebeliões dos escravos, principalmente nas regiões onde eram numerosos (NUNES, 2006:57). Até a década de 1830, várias foram as tentativas de insurreições urbanas, principalmente em Laranjeiras onde alguns escravos se reuniam para promover fugas dos engenhos. Nesse período, a elite açucareira provinciana, passou a ter maiores condições de enfrentar as insurreições urbanas. Apesar disso, não conseguiram reprimir o sentimento de revolta e a formações de quilombos.

A existência de quilombos e fugas de escravos em Sergipe ocorreu em diferentes épocas como atestam Moura (1993); Nunes (2006, 1996, 1989), Mott (1987). No Vale do Continguiba, especificamente, Mott (1987) observa a ocorrência de 10 tentativas de revoltas de escravos e pardos entre os anos de 1774 e 1837. Observa-se que essas tentativas de revoltas e suas consequentes repressões teriam influenciado a formação de quilombos nas áreas de conflito, havendo, pois “uma tradição rebelde ou mesmo um tradição quilombola na província” (AMARAL, 2012, p. 151).

Assim, como citado, é no século XIX que o momento de maior prosperidade dos engenhos de açúcar em Laranjeiras, culminando numa concentração de escravos, e, possivelmente, uma maior ocorrência de revoltosos.

O aumento das exportações de açúcar bruto, bem como do preço da tonelada do produto, fez com que Sergipe atingisse seu maior pico de exportações no início da

segunda metade do século XIX, sendo as décadas de 1850 e 1860 as mais prósperas para a área açucareira em Sergipe, aumento o controle sobre a população escrava.

Segundo Santana (2008), a segunda metade do século XIX foi conturbada em Laranjeiras. Durante as décadas de 1870 e 80, a baixa no preço do açúcar atingiu o setor açucareiro, provocando a desarticulação de propriedades açucareiras, como foi o caso da Fazenda Ilha. Além da crise financeira, o assassinato do seu senhor, em 1872 chocou a população laranjeirense e expôs a forte dependência da figura do senhor de engenho, que, uma vez falecendo, ocasionava a divisão dos bens e a desarticulação do sistema produtivo. Trata-se do já citado período de “desenvolvimento acelerado de fragmentação”, denominado por Almeida (1964).

O assassinato, do Senhor da Fazenda Ilha, remete ao que relata Moura (1993, p. 74) sobre a ressonância de um movimento abolicionista, conhecido como “movimento de São Domingos”, em Laranjeiras, que incentivava a revolta de “pretos cativos e forros, para se levantarem contra seus senhores e os matarem”.

Segundo Santana (2008), a história do assassinato do Senhor da Fazenda Ilha é reproduzida na oralidade dos moradores da Mussuca, em diferentes versões.

Apesar de estar reproduzida na oralidade da comunidade, ela não reflete ao início do povoado. Segundo (LIMA *et al*, 2005), o quilombo hoje denominado Mussuca, teve início ainda nos tempos áureos da cana-de-açúcar e localizava-se entre as fazendas Pilar, Fonte Grande e Engenho Ilha. A história de maior recorrência dá conta de que Maria Banguela teria recebido as terras como doação de um senhor de engenho que a estimava. Ela, por sua vez, teria doado partes das terras a seus pares. Não há consenso na comunidade quanto a data da doação das terras para Maria Banguela.

PAISAGEM DA MEMÓRIA

Paisagens históricas não são apenas aquelas que foram escritas, sendo incorporadas e mediadas arqueologicamente, criando histórias e lembranças na sociedade. Mas também as paisagens registradas no conhecimento, que materializam o passado na mente do ouvinte. Deste modo, a memória das paisagens tem como resultado ações das gerações passadas, antepassados e forças sobrenaturais envasando a verdade do imaginário, em lembranças pessoais. Referimo-nos a paisagem aos

ambientes habitados ou percebidos de comunidades humanas sendo estas do passado e do presente (HOLTORF, WILLIAMS, 2006).

Em cada símbolo como, por exemplo, uma pedra ou um rio, estão armazenados séculos de memórias. Atualmente, no mundo urbano onde a ciência e as técnicas predominam a cultura ainda está entrelaçada e podemos averiguar a permanência dos mitos no dia a dia das pessoas. Cada paisagem conta um pouco da história de cada lugar e é nestas lembranças que o ontem é presente no hoje. Desta forma, pode-se notar a grandiosidade em que as paisagens têm suas referências na história e na cultura do homem na Terra (HOLTORF, WILLIAMS, op.cit.).

A Arqueologia busca explorar a relação entre memória e paisagem, independente do período estudado, pois propendem a sobrepujar as paisagens que estão resultando na lembrança social e no esquecimento. Considere que paisagens compostas e seus traços da ação humana e suas características naturais formando a análise de recordações (HOLTORF, WILLIAMS, op.cit.).

Memórias são desenvolvidas lado a lado com a transformação dos espaços. Consequentemente discutiremos paisagens e memórias que eles incluem, distinguindo pontos de partida entre o passado e o futuro (HOLTORF, WILLIAMS, op.cit.).

Ainda sobre paisagem e memória, o estudo de Santana (2006, p. 151), ao focar a paisagem da Mussuca, busca demonstrá-la como elemento no reforço da identidade do grupo em oposição à visão de que os negros e negras escravizados seriam componentes naturais da passagem e, neste sentido, seriam passivos, não agentes. A noção de paisagem

implica a incorporação de uma visão que seja sensível e capaz de explorar metáforas, símbolos e significados nela impregnados. A paisagem é assim construída a partir de olhares específicos, atendendo a interesses e experiências diversas.

A MUSSUCA DE HOJE E O TRABALHO ETNOARQUEOLÓGICO

Entre as principais características da Arqueologia está a interdisciplinaridade. Com dados provenientes de diferentes áreas do conhecimento, o arqueólogo torna-se capaz de compilar informações, tendo como objetivo o entendimento da origem e transformação do modo de vida de grupos humanos, seja em questões universais

(surgimento da tecnologia humana, dispersão dos homos pelos continentes, e etc.) ou de questões específicas (identidades regionais, heranças culturais e etc.).

Apesar de dissertar sobre o passado, o arqueólogo inevitavelmente se depara com o presente, seja a pesquisa relacionada ao período Histórico ou Pré-Colonial. Por isso, conhecer o ambiente onde se encontra o objeto de estudo, entendendo as transformações (culturais, ecológicas, econômicas, estratigráficas e etc.) é essencial. Assim, trataremos do povoado Mussuca no presente, com o objetivo de relacionar o cotidiano atual as heranças do passado.

No âmbito da interdisciplinaridade arqueológica destacamos aqui a Etnoarqueologia.

A Etnoarqueologia pode ser compreendida como o estudo etnográfico desenvolvido por arqueólogos em grupos atuais a fim de obter dados que auxiliem na compreensão de sociedades do passado com o estudo da materialidade dessas sociedades.

Ressaltamos que a etnografia não fornece dados sobre o passado, mas sim:

... ofrece la posibilidad de conocer personalmente al Otro, de hacerle preguntas, de convivir con él, algo con lo que cualquier arqueólogo habrá soñado alguna vez en su vida (GONZALEZ-RUBIAL, pág. 7, 2003).

Nesse sentido, Gonzalez-Rubial destaca a importância de se conhecer o Outro, ou seja, diferentes visões de mundo, aumentando o leque interpretativo do arqueólogo, que comumente corre o risco de ser etnocêntrico em suas interpretações. Além disso, a depender da escola teórica empregada pelo arqueólogo durante sua pesquisa, a etnoarqueologia pode fornecer dados comparativos, sobretudo nas pesquisas que aceitam o determinismo ambiental, mas nunca determinantes, sobre os grupos estudados através dos vestígios arqueológicos.

Citando Ascher (1961), SILVA (2011) esclarece que inicialmente:

1) as analogias etnográficas eram indispensáveis, mas deviam restringir-se à subsistência e tecnologia, baseadas no axioma de que a ação humana era semelhante, independentemente do grupo cultural; 2) a variabilidade do comportamento humano inviabiliza qualquer tipo de interpretação por meio da analogia etnográfica; e 3) a interpretação do registro arqueológico por analogia sempre seria subjetiva (SILVA, pág. 124, 2011).

Ainda em Silva (2011), Binford foi quem reagiu de forma mais eloquente, sendo contrário a analogia entre dados etnográfico e arqueológicos:

“... os dados etnográficos não deveriam ser utilizados para estabelecer analogias, mas para formular proposições sobre o passado. Para ele, a analogia etnográfica na interpretação do registro arqueológico baseava-se na compreensão de que o contexto comportamental do passado era semelhante ao contexto comportamental do presente, o que resultava numa visão simplificada, distorcida e etnocêntrica do registro arqueológico. A analogia entre o presente e o passado só poderia ser realizada em termos inferenciais, quando houvesse uma continuidade histórica comprovada entre as populações comparadas. Para ele, o “entendimento do passado não é simplesmente uma questão de interpretar o registro arqueológico através da analogia com sociedades vivas”, sendo necessário desenvolver métodos que permitam “relacionar os fenômenos arqueologicamente observados às variáveis que, embora observadas de diferentes formas entre as populações vivas, possuem valor explicativo”. (BINFORD, 1968, p. 269)” (SILVA, pág. 125, 2011).

Concordando com Binford, dado a clara continuidade histórica entre os quilombolas atuais e seus ancestrais, buscamos compreender as heranças culturais identificáveis no contexto atual com o intuito de fornecer dados que possam auxiliar pesquisas arqueológicas no futuro.

A Mussuca

Localizado às margens da BR-101, a cerca de 4 Km da sede do município de Laranjeiras, o povoado Mussuca apresenta população estimada em 2 mil habitantes. O cultivo de subsistência, como o de mandioca, feijão e milho, faz parte está presente em grande parte da comunidade.

Outra atividade exercida por grande parte dos moradores é a pesca nos rios. Em relação ao povoado Mussuca, o rio Sergipe, segue pelo norte e leste, e o seu afluente, o rio Cotinguiba, rio tributário segue pelo Sul. Ambos os rios recebem influências das marés. Dos rios são extraídos crustáceos para o consumo e para venda em feiras da região. Segundo (Bomfim, 2009), esta prática consiste em atividade feminina, envolta em atmosfera de sociabilidade, onde grupos se reúnem durante a entrada e o retorno na maré e as conversas giram sempre em torno de relações familiares e da comunidade.

As cerca de 130 casas do povoado distribuem-se de forma não linear. Também são comuns sítios deslocados. Nos espaços de uma moradia e outra se costuma fazer roças. É comum grupos familiares ocupando lotes e áreas próximas, formando núcleos

familiares. Ao observar essas características do povoado Mussuca, Santana (2008) chama atenção para os “caminhos de formiga”, que são como são conhecidas as trilhas, que comumente ligam casas e terrenos de parentes que moram próximos ou são vizinhos.

Os principais grupos culturais ativos no povoado são o São Gonçalo e o Samba de Pareia. Ambas remetem a séculos de tradição e são ligadas a ritos católicos.

No que tange a saúde, boa parte dos moradores se valem das rezadeiras e dos benzedeiros, de forma isolada ou concomitante ao tratamento médico.

A religião Católica é o principal credo no povoado, apesar disso, a religião de origem afro-brasileiras mostra-se significativa.

No que tange a saúde, boa parte dos moradores se valem das rezadeiras e dos benzedeiros, de forma isolada ou concomitante ao tratamento médico.

Sabe-se que plantas são a base da maioria dos medicamentos produzidos no mundo, seja em laboratórios com tecnologia avançada ou no chá feito com carinho pela avó. Assim, tentaremos relacionar o uso e funções das plantas, bem como forma de cultivo das plantas no povoado Mussuca as heranças culturais de seus antepassados.

Nesse contexto, as ciências sociais e biológicas ocupam papéis cativos na pesquisa arqueológica, segundo Kormikiare (2000, p. 4):

[...] impõe a interdisciplinaridade e o diálogo com perspectivas teóricas distintas. Mas o que são paisagens? e como a abordagem paisagística pode facilitar a compreensão dos processos históricos e culturais na Arqueologia? Neste sentido, a abordagem da paisagem é relevante para o objetivo da Arqueologia de explicar o passado humano por meio de sua habilidade em reconhecer e avaliar as relações interdependentes e dinâmicas que as pessoas mantêm com as dimensões física, social e cultural de seus meio-ambientes ao longo do tempo e do espaço.

Nesse sentido, a etnobotânica auxilia na busca pela relação entre os africanos escravizados e suas plantas, utilizadas durante séculos em diversas funções e formas. Perdurando até os dias atuais, essas plantas são testemunhos dos ritos, sabores, conhecimentos medicinais e adaptabilidade desses grupos e de seus descendentes.

A etnobotânica, um subcampo da etnobiologia, teve sua primeira definição relacionada ao estudo das plantas utilizadas por povos primitivos ou aborígenes. Após um século e algumas transformações, o conceito de etnobotânica torna-se mais dinâmico, sendo considerado o estudo de todas as sociedades, vivas ou extintas, bem como de todo tipo de inter-relações, sejam ecológicas, evolutivas ou simbólicas,

reconhecendo assim a natureza dinâmica entre plantas e humanos (ALEXIADES, 1996; HARSHBERGER, 1896 *apud* CASAGRANDE, 2009).

METODOLOGIA

Para levantamento de dados sobre o conhecimento tradicional relacionado às plantas na comunidade quilombola Mussuca, foram realizadas entrevistas com lideranças ligadas a religiões de matriz afro-brasileiras e moradores que residem por décadas ou ali foram nascidos e criados. Essa seleção se deu através de indicações de pessoas que se relacionam com a comunidade.

Foram realizadas seis entrevistas, onde nove pessoas foram entrevistadas. O questionário aplicado envolveu as seguintes questões:

1-Nome.

2- Endereço.

3- Há quanto tempo reside neste endereço?

4- Onde nasceu? Que ano?

5- Qual a sua religião?

6- Morou em outro lugar na Mussuca? Onde?

7 - A horta/jardim quem plantou?

8 - Por que plantou?

9 - O que tem na horta/quintal (plantações, construções etc.)?

10 - Quais os nomes das plantas?

11 - Para que serve cada planta?

12 - Como se usa cada planta?

13 - Alguém ensinou o uso das plantas? Quem? Quando?

14 - Você passa os ensinamentos para outros membros da família? Quem? Por que?

15 - Você tinha quintal/jardim com plantas em outro lugar? Onde?

16 - As plantas são usadas para fins religiosos? Rezas?

17 - Se a pergunta acima for verdadeira, quem ensinou a você as rezas e o uso das plantas?

18 - Quando foi e onde?

A partir do questionário exposto, nota-se que as entrevistas tinham como objetivos principais:

- Compreender o processo de aprendizado, manutenção e transmissão do conhecimento sobre as funções e formas de uso das plantas dentro da comunidade quilombola Mussuca;
- Observar a relação entre a religiosidade e o conhecimento tradicional;
- Perceber padrões na estrutura física/organização dos locais onde as plantas são cultivadas.

RESUMO DAS ENTREVISTAS

Segue resumo das informações obtidas através das seis entrevistas realizadas.

Beliene Bispo dos Santos, católica, 80 anos, nasceu no povoado Mussuca. Reside há 34 anos no endereço atual. A partir dos ensinamentos de sua mãe, cultiva no quintal uma horta com plantas utilizadas como medicamentos e em rezas (benzer e afastar olho gordo). Uma bezendeira, irmã de Beliene, é a responsável pelas rezas. Beliene transmite seus conhecimentos aos filhos. O quintal, formado predominantemente de chão batido, inserido terreno inclinado e apresenta pequenos trechos cimentados, incluindo o que está o poço da casa. As plantas ficam espalhadas pelo quintal, algumas entre materiais construtivos. Poucas plantas ficam em áreas cercadas por tábuas de madeira.



Foto 1: Beliene e sua amiga Gildete no quintal onde fica a horta (foto: Fernando Miranda, 2017).



Foto 2: Manjerição Miúdo (*Ocimum basilicum* var. *minimum*) entre pedras e canos no quintal de Beliene (foto: Fernando Miranda, 2017).

Maria José de Araújo, católica, 61 anos, nascida no povoado Mussuca, residiu durante quase toda a vida no endereço atual, salvo um período de 9 anos em que morou em Aracaju. Ela plantou a horta do quintal, seguindo os ensinamentos de sua mãe, passados desde sua infância. Esses ensinamentos ela repassa aos filhos e outros familiares. Maria José utiliza as plantas como medicamentos, para rezas e para comer os frutos. O quintal, formado predominantemente de chão batido, está inserido terreno inclinado e apresenta pequenos trechos cimentados. As plantas ficam espalhadas pelo quintal, entre materiais diversos, relacionados ao cotidiano da casa.



Foto 4: Goiabeira (*Psidium guajava*) como suporte de varal no quintal de Maria José (foto: Fernando Miranda, 2017).



Foto 3: Maria José em seu quintal onde encontram-se plantas, churrasqueira e materiais diversos (foto: Fernando Miranda, 2017).

Maria Luiza dos Santos, católica e adepta do Toré, 67 anos, nascida no povoado Mussuca, reside há 53 anos no mesmo endereço. Ela mesma cultivou as plantas encontradas no quintal, seguindo os ensinamentos de sua mãe, passados desde sua infância. Segundo ela, as plantas são utilizadas como medicamento e contra olho grosso – expressão com o mesmo significado de olho gordo. Ela passa seus conhecimentos a parentes e amigos. Algumas das plantas são utilizadas por benzedeiras e rezadeiras. O quintal, formado predominantemente de chão batido, está inserido em terreno inclinado com presença de materiais construtivos e um galinheiro, cercado por tela de arame.



Foto 5: Maria Luiza em seu quintal (foto: Fernando Miranda, 2017).



Foto 6: Vista para as plantas de Maria Luiza, entre materiais construtivos e galinheiro (foto: Fernando Miranda, 2017).

Maria Romana Lima de Jesus e Nelson de Jesus, católicos, residem na Mussuca. Nelson vive há 75 de seus 84 anos no endereço atual. Maria, 80 anos, nasceu em Itabaiana, mudando-se para o endereço atual após o casamento. As plantas do quintal, utilizadas como medicamento e para comer os frutos, foram plantadas por Dona Deth, amiga da família. O casal afirma realizar rezas católicas, para descarrego e olho grosso, com o auxílio das plantas. Os conhecimentos medicinais são transmitidos pelo casal a familiares e amigos. O quintal, formado predominantemente de chão batido, está inserido terreno inclinado e apresenta pequenos trechos cimentados. As plantas ficam espalhadas pelo quintal, entre materiais diversos, principalmente construtivos. Algumas plantas são cercadas por telas, outras ficam dentro de recipientes.



Foto 8: Maria e Nelson durante entrevista (foto: Fernando Miranda, 2017).



Foto 7: Maria observa o quintal, onde ficam as plantas (foto: Fernando Miranda, 2017).

Silvio dos Santos e Maria dos Santos, Silvio residiu a vida toda, 83 anos, no mesmo endereço. Maria se juntou a ela após o casamento. O casal autodeclarado católico cultivou no quintal plantas com fins medicinais, mais barato e eficiente que remédios, segundo eles, e em rezas. O conhecimento sobre as plantas Silvio adquiriu de sua mãe, desde a infância. Silvio repassa seus conhecimentos sobre plantas aos filhos e amigos. O quintal, formado predominantemente de chão batido, está inserido terreno inclinado. As

plantas ficam dispersas no quintal, entre materiais diversos, principalmente construtivo.



X

Foto 10: Maria e Silvio conversam no quintal (foto: Fernando Miranda, 2017).



Foto 9: Vista para o quintal (foto: Fernando Miranda, 2017).

Maria Helena dos Santos e Lenilde dos Santos, são mestras no Terreiro do Senhor São Lazaro. Residem no terreiro desde o nascimento, sendo Maria a mais velha com 56 anos. Lenilde tem 53. Ambas se declararam católicas e adeptas do Toré. As plantas da casa foram cultivadas por Dona Regina, irmã de Maria e Lenilde, fundadora do terreiro. Além de cultivar as plantas, Dona Regina foi a responsável por transmitir o conhecimento sobre as plantas. Atualmente, Maria é quem “reza as pessoas” no terreiro. O quintal, formado predominantemente de chão batido, está inserido terreno plano, com presença de material construtivo, principalmente pedras. As plantas ficam espalhadas pelo quintal, no entorno de uma casa de santo.



Foto 12: Elenilde e Maria durante entrevista (foto: Fernando Miranda, 2017).



Foto 11: Pinhão roxo rodeado por pedras no quintal do terreiro (foto: Fernando Miranda, 2017).

RESULTADOS

A partir das entrevistas pôde-se verificar as funções e a forma de uso de 67 espécies de plantas (ver Quadro 1). A quantidade e a diversidade de plantas expõem o vasto conhecimento da comunidade em relação ao uso destas. Nota-se também que nem todas são de origem afro-brasileira, mas mesmo assim empregam funções relacionadas a espiritualidade. É do manjerição canela, plantas originárias da América do Norte, localizada principalmente no México.



Foto 13: Manjerição Miúdo no quintal de Maria Luiza (foto: Fernando Miranda, 2017).

QUADRO 1: FUNÇÕES E USOS DAS PLANTAS

PLANTA	FUNÇÃO MEDICINAL	FUNÇÃO ESPIRITUAL	MODO DE USO/OUTRAS FUNÇÕES
Acerola	Gripe	-	Lambedor (xarope); suco; Refresco
Alevante	Pressão Alta; Gripe	Descarrego	Chá; banho
Alfavaca grande	Gripe	-	Chá; tempero
Alfavaca miúda	Sinusite; gripe, infecção na garganta	-	Chá; gargarejo
Alumã	Dor no estomago; infecção intestinal	-	Chá
Amora	Pressão Alta; menopausa; doença ósseas	-	Chá; come-se os frutos
Anador	Dores no corpo	-	Chá
Araticum	Veneno de cobra	-	Suco concentrado
Aroeira	Anti-inflamatório; infecção urinária;	Descarrego	Chá; banho

	pressão alta; dores no estômago		
Boldo	Dor no estômago	-	Chá
Brilhantina	Infecção estomacal	-	Chá
Cajueiro vermelho	Inflamação pós-parto	-	-
Capim santo	Calmante, pressão, dor de barriga	-	Chá
Carambola	Regula pressão	-	Chá; suco; refresco
Cargueja	Dor de barriga	-	Chá da folha
Cidreira	Calmante; dor de barriga; pressão alta	-	Chá
Coentro grande	-	-	Tempero
Comigo-ninguém-pode	-	Olho gordo	-
Crista de galo	Doenças respiratórias; gripe	Mal olhado	Banho; chá; inalação
Erva Santa Maria	Dores no corpo	-	Macera folha e faz compressa
Espada de São Jorge	-	Olho gordo	-
Fedegoso	Gripe	-	Chá
Fumo	Dor de Barriga	-	Chá; construir ninho em galinheiro
Goiaba	Dor de barriga; diarreia	-	Chá; refresco
Graviola	Câncer	-	Chá; emagrecimento; refresco
Hortelã grande	Gripe	-	Lambedor (xarope); tempero
Jaboticaba	Dor de barriga	-	Chá das folhas; come-se os frutos
Jurubeba	Diabetes	-	Chá
Laranjeira	Gripe	-	Chá das folhas e flores; Lambedor (xarope)
Leite de burro	Infecção urinária	-	Chá
Limão	Gripe; afina o sangue	-	Chá; refresco
Malva Branca	Infecção urinária	-	Banho de acento
Manga	Dor de barriga	-	Chá do broto
Manjeriço grande canela	Gripe	Descarrego	Chá; banho; tempero
Manjeriço miúdo	Problemas respiratórios; gripes	-	Chá; inalação
Maracujá	Calmante	-	Suco fruto e folhas
Maria-mais-João	Dores no corpo	-	Chá da casca
Mastruz	Anti-inflamatório; vermes, mal jeito	-	Chá, compressa
Melão de São Caetano	Infecções, problemas nos rins	-	Macerar e tomar o sumo; chá com as raízes
Mentraço	Inflamação; dor de barriga	-	Chá; banho
Monjoão Gomes	-	-	Tempero
Noni	Dor no estomago; diabetes; câncer	-	Suco
Oitim	Dor de barriga	-	Chá das folhas; come-se os frutos
Pata de vaca	Diabetes	-	Chá

Pimenta da costa	Dor de barriga; infecções	-	-
Pinha	Dores no corpo	-	Chá da folha; come-se os frutos
Pinhão roxo	-	Olho gordo; descarrego	Banho
Pitanga	Gripe; queimadura	Descarrego	Lambedor (xarope); compressa folha sobre a queimadura" refresco; banho
Quebra pedra	Problemas nos rins; fígado	-	Chá
Quebra-pedra-branco	Pedra nos rins	-	Chá
Quebra-pedra-roxa	Problemas nos rins	-	Chá
Quebra-pedra-verde	Problemas nos rins	-	Chá
Quebra-pedra-vermelho	Pedra nos rins	-	Chá
Rapiná	Pedra nos rins; coceira	-	Chá; banho
Romã	Dor de garganta	-	Gargarejo com chá
Saião	Dor no estômago	-	-
Sambacaitiá	Anti-inflamatório; doença nos rins; feridas	-	Chá; banho
Sayao	Dor de cabeça	-	Compressa com folha quente
Tamarindo	Dor de dente	-	Chá; suco das folhas; refresco
Tapete de Oxalá	Dores de cabeça; má digestão; problemas no fígado	-	Chá
Tinguí	-	-	Pesca (sufoca peixe)
Tipi	Olho gordo	Olho gordo; descarrego	Banho
Titóco	Dor de barriga; dor no corpo; dor de cabeça	-	Chá; compressa na cabeça
Vassourinha de benzer	-	Mal olhado	Benzimento
Vassourinha de Butão	Gastrite; pedra nos rins	-	Chá
Vence demanda	-	Proteção espiritual	-

Além de fornecer dados sobre o uso e funções das plantas, as entrevistas demonstraram que o aprendizado sobre o uso das plantas tem início da infância. Após o primeiro contato, o conhecimento é passado e estimulado durante toda a vida. Por tradição, as informações sobre as plantas são repassadas de geração em geração, nos núcleos familiar e social.

O uso das plantas por rezadeiras e benzedores é compartilhado entre católicos e praticantes de cultos afro-brasileiros. É interessante notar que apesar do sincretismo, um entrevistado se referiu ao uso das plantas como pertencente a rezas católicas.

Dentre as plantas utilizadas para fins espirituais está a Comigo-Niguém-Pode (*Dieffenbachia picta Schott*), de origem amazônica, e a Espada de São Jorge

(*Sansevieria trifasciata*) de origem africana, ambas tóxicas e seu uso se dá através da colocação em pontos estratégicos, para espantar olho gordo/olho grosso.



Foto 14: Comigo-Ninguém-Pode (*Dieffenbachia picta* Schott) no quintal de Maria Luiza. Planta de origem amazônica utilizada para espantar olho gordo (foto: Fernando Miranda, 2017)

A tabela 1 mostra a relação de quantidade de plantas citadas por função. Entre as plantas classificadas em “outras funções” está a tingui (*Dictyoloma vandellianum*), originária da mata atlântica do sudeste do Brasil, utilizada como veneno de pesca. As outras plantas dessa categoria são temperos.

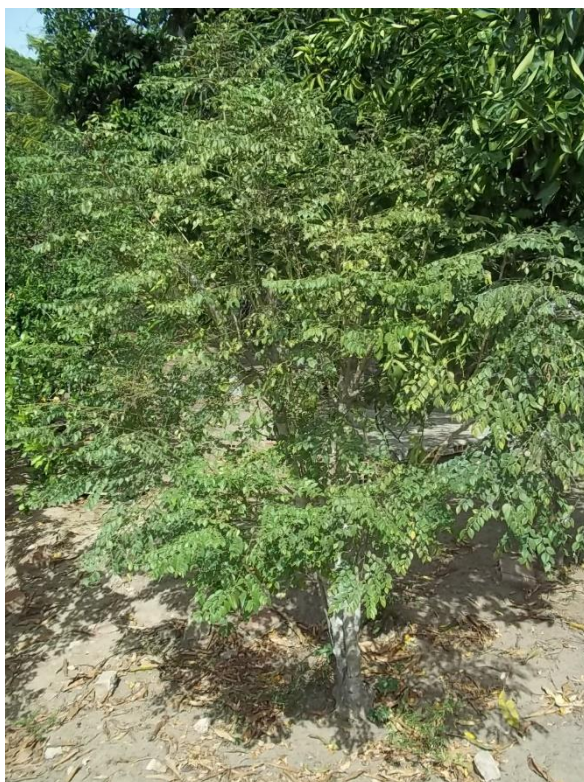


Foto 15: Tingui (*Dictyoloma vandellianum*) no quintal de Maria José (foto: Fernando Miranda, 2017).

TABELA 1: QUANTIDADE E PORCENTAGEM POR VARIAÇÃO DA FUNÇÃO

FUNÇÃO	QUANTIDADE	%
Espiritual	5	7,6
Medicinal	53	79
Espiritual e medicinal	6	8,95
Outras funções	3	4,45
TOTAL	67	100

Quanto a organização das hortas, notamos se que elas estão inseridas nos quintais, aparentemente de forma aleatória, entre materiais diversos que compõe o cotidiano dos moradores ou servem de testemunhos de atividades realizadas no passado. Como a criação de galinhas é comum no povoado, em plantas atrativas para essas aves são comumente cercadas.

CONCLUSÃO

A Mussuca surgiu e se desenvolveu em meio a um contexto de lutas. Num primeiro momento sobre a mão pesada do escravocrata e depois pela marginalização do povo quilombola. Assim, o quilombo intrínseca e empiricamente representa uma forma de resistência.

No início o quilombo Mussuca fora habitado por poucas famílias, que vivam nas terras de Maria Benguela. Com o passar do tempo e com aumento no número de famílias observou-se uma mudança na formação do espaço e da paisagem da Mussuca.

Com o crescimento das famílias nativas – novos matrimônios, filhos adultos buscando independência e etc. - e a chegada de novas famílias, as terras são divididas e cresce a quantidade de moradias, pequenos barracos ou casas de taipa. Junto com as novas construções inicia-se a formação dos quintais, com áreas para plantio de alimento bem como para o plantio árvores frutíferas e também ervas medicinais.

Neste contexto da formação da nova paisagem, antes o que era um espaço vazio passa a ser uma área cultivada. Estes novos espaços agora são preenchidos por mudas de plantas, adquiridas por laços afetuosos e de amizade. As plantas fornecem frutos e remédios, dada a confiança nos remédios fitoterápicos, ou seja, nos chás caseiros, tradição e cultura familiar de um povo que ficara isolado por muito tempo e que recorria a fé e a natureza com seus saberes. Assim temos quintais, jardins e hortas redesenhando a paisagem, ora em terrenos planos e também em áreas de pequeno e grande declive.

As árvores e as plantas, frutíferas e/ou medicinais, são um legado transmitido de geração em geração, mantendo vivas as memórias, cheiros, sabores e saberes de um povo que lutou e luta pelo direito de viver livre, cultivando suas árvores e sua fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTE ELETRÔNICA

ALEXIADES, M.N. Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual. The New York Botanical Garden, 1996, p. 199-239.

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. Sergipe: fundamentos de uma economia dependente. Petrópolis-RJ: Vozes, 1964.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Laranjeiras: “um museu a céu aberto”. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1983.

BOMFIM, W.J. Identidade, memória e narrativas na dança de São Gonçalo do povoado Mussuca (SE). Dissertação de Mestrado. Museu Nacional – C.C.H.L.A-UFRGN, Natal-RN, 2006.

FREIRE, Felisbello. História de Sergipe. Petrópolis-RJ: Vozes; Aracaju-SE: Governo do Estado de Sergipe, 1977.

HARSHBERGER, J.W. The Purposes of Ethno-Botany. Botanical Gazzete, v. 21, Mar. 1896: 146-154.

HOLTORF C., WILLIAMS H.M.R. Landscapes and memories. In: HISTORICAL ARCHAEOLOGY AND LANDSCAPES. (2006). In D. Hicks & M. Beaudry (Eds.), The Cambridge Companion to Historical Archaeology (pp. 233-234). Cambridge: Cambridge University Press.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Histórico de Laranjeiras/SE. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=280360>>. Acesso em 26 de agosto de 2017.

KORMIKIARE, M.C. ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277665375_ARQUEOLOGIA_DA_PAISAGEM>. Acesso em 26 de agosto de 2017.

LIMA, A., NEVES, P.S.C., AGUIAR, F. Fragmentos da África em Sergipe. Petrobras, Laranjeiras, SE, 2005.

MELO, R.O.L.; SUBRINHO, J.M.P; FEITOSA, C.O. Indústria e Desenvolvimento em Sergipe. Revista Econômica do Nordeste. Volume 40, nº 02, abril-junho de 2009.

MOURA, Clóvis. Quilombos: resistência ao escravismo. São Paulo: Editora Ática, 3ª ed., 1993.

NUNES, Maria Tetis. Sergipe Provincial II (1840-1889). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,
Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 2006.

NUNES, Maria Tetis. Sergipe Colonial II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1996.

NUNES, Maria Tetis. Sergipe Colonial I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Aracaju: Banco do Estado de Sergipe 1989.

ORAZEM, Roberta Bacelar. Os Altares-mores das igrejas de Laranjeiras/Sergipe. Revista Ohun, ano 4, n. 4, p.232-265, dezembro de 2008.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. Teoría y método. In: una introducción a la etnoarqueología. Madrid: Akal, 2003.

SANTANA, R.N.A. Mussuca: Por uma Arqueologia de um Território Negro em Sergipe D’el Rey. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional – UFRJ, Rio de Janeiro-RJ, 2008.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. Anos de prosperidade e mudanças: a sociedade do açúcar e a necessidade de uma nova capital sergipana. In: Temas de História de Sergipe II. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/CESAD, 2010.